



2018

ISSN: 2359-6597

## A PROBLEMÁTICA DOS UNIVERSAIS NO PERÍODO MEDIEVAL

Marcelo Kloch\*

**Resumo:** Este artigo oriundo de uma pesquisa bibliográfica, tem por objetivo apresentar de forma sucinta, a problemática dos universais durante o período medieval, com enfoque principal em Boécio, Pedro Abelardo e Guilherme de Ockham. Boécio é conhecido por ter uma filosofia ontognosiológica, ou seja, ligação da realidade ontológica para explicar a epistemológica. Pedro Abelardo é conhecido por um realista moderado, cujo afirma que os universais não existem de forma ontológica, mas existem de forma semântica de significação como predicáveis de muitos sujeitos. Guilherme de Ockham por sua vez, apresenta que os universais não existem *extra animam*, pois tudo o que existe desta maneira são realidades individuais. Neste sentido, os universais são realidades *in anima*, são conceitos ou nomes convencionados para cada coisa ou ser.

**Palavras chaves:** Boécio. Abelardo. Ockham. Problema. Universais.

### Introdução

Esta problemática sempre esteve no andamento de toda a filosofia ocidental, pegamos como exemplo os filósofos Platão (427 a. C. – 347 a. C.) e Aristóteles (384 a. C. – 322 a. C.) que escreveram sobre esta realidade. Eles não foram os únicos, mas tiveram muitos outros ao longo de toda história, por exemplo, no período do medievo se destacaram filósofos como: Boécio (480 – 524), Pedro Abelardo (1079 – 1142), Guilherme de Ockham (1280 – 1347), Santo Tomás de Aquino (1225 – 1274), entre tantos outros. Já no período moderno, se destacou sobre esta temática o filósofo Immanuel Kant (1724 – 1804). O nosso artigo se restringirá tão somente no período medieval, com especial atenção em Boécio, Pedro Abelardo e Guilherme de Okcham.

---

\* Acadêmico do quarto semestre do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina, FAPAS-RS. E-mail: [marcelo\\_kloch@hotmail.com](mailto:marcelo_kloch@hotmail.com)

Mas, antes de iniciar a explanação precisamos compreender o que significa a problemática dos universais? Para isso precisamos primeiro compreender o significado de universal: para Leite Junior “universal repousa a noção de comunidade, segundo a qual o universal é algo comum a muitos” (2001, p. 21). Outro sentido para universal é o dado por Abagnano no dicionário de filosofia:

Este termo tem dois significados principais: 1º significado *objetivo*, em virtude do qual indica uma determinação qualquer, que pode pertencer ou ser atribuída a várias coisas. 2º significado *subjetivo*, em virtude do qual indica a possibilidade de um juízo (que diga respeito ao verdadeiro e ao falso, ao belo e ao feio, ao bem e ao mal, etc.) ser válido para todos os seres racionais (2000, p. 982).

Neste sentido, universal é aquilo que se predica a muitas coisas, como o caso do vermelho, da verdade, de Deus, entre outros. Entendendo o que significa universais, podemos entender a problemática deles como: examinar se há ou não a possibilidade da existência dos universais, e se este existir, de que modo ele ocorre. A importância de se estudar este tema, está justamente em investigar se existem e de que forma subsiste as realidades universais.

## 1 Problema dos universais para Boécio

O primeiro a pesquisar sobre esta problemática foi o fenício Porfírio (233 – 305), que em sua obra intitulada *Isagoge*, trata sobre uma introdução aos estudos das categorias de Aristóteles. Nesta obra, o autor apresenta três problemáticas referentes aos universais: saber se eles são realidades em si mesmas, ou apenas simples concepções do intelecto, e, admitindo que sejam realidades substanciais, se são corpóreas ou incorpóreas, e se enfim, são separadas ou se apenas subsistem nos sensíveis e segundo estes O filósofo fenício levantou estas questões, porém não deu nenhuma solução para o problema. (JUNIOR L., 2001, p. 17).

O primeiro autor apresentado é Severino Boécio (480-524)<sup>1</sup>, ele foi o tradutor da obra *Isagoge*<sup>2</sup> de Porfírio e foi o grande impulsionador desta problemática. Sobre este assunto, este filósofo possui uma visão ontognosiológica, como nos explica Leite Junior:

---

<sup>1</sup> Anicius Manlius Torquatus Severinus Boetius (480 – 524) nasceu em Roma e faleceu em Pávia. Ele foi um filósofo, poeta, estadista e teólogo romano. Filho do cônsul Flávio Mânlio Boécio, descendente de uma importante família dos Anícios que tinha dado a Roma vários cônsules e o imperador Anício Olíbrio. Após o falecimento de seu pai em 487, Boécio foi educado por Quintus Aurelius Symmaehus, amigo da família. Grande intelectual, conhecedor do grego, buscou traduzir do grego obras de Platão e de Aristóteles, por quem foi muito influenciado em seu pensamento. No âmbito dos universais, traduziu a obra *Isagoge* de Plotino, e baseado nisso criou sua tese conhecida por ontognosiológica. Em 523 foi preso por ordem do rei Teodorico, o qual Boécio foi muito amigo quando era cônsul, sendo que a prisão ocorreu supostamente por Boécio ter defendido abertamente o senador Albino, que escreveu uma carta ao imperador bizantino Justino I queixando-se da governação de

Boécio incide sobre um ponto de vista que designaremos com a expressão ‘ontognosiológica’. Ontológica em virtude de admitir a existência dos universais nas coisas (*universaliza in rebus*). Gnosiológica enquanto entendermos por esta expressão o domínio do discurso que trata da natureza e origem do conhecimento em geral (2001, p. 31-32).

Para fundamentar sua tese, ele desenvolveu três argumentos, os dois primeiros refutam a ideia de que as coisas universais existem separados das coisas sensíveis, e o terceiro recusando que eles sejam meras intelecções da alma. No primeiro argumento, centrado na noção de comunidade, ele nega a existência na medida em que nega a unidade. No segundo argumento, ele nega o caráter da multiplicidade dos universais, pois desta forma, remeteria a um regresso ao infinito. Por fim, no terceiro argumento, ele afirma que tudo aquilo que é pensado, deve ocorrer a partir de um objeto, desta maneira ele não pode ser uma simples concepção do intelecto. (SILVA B., 2016, p. 144)

Com o auxílio destes três argumentos, julga ter explicado as questões levantadas por Porfírio, desta forma ele afirma que só existe universal, na medida em que existe seres que pertence a ela. Como exemplo, só existe o universal ‘flor’, na medida em que se tem a rosa, a margarida, a orquídea, etc. Desta maneira, ele possui sua solução final:

Os gêneros e as espécies subsistem de um modo, são porém, inteligidos de outro modo; e são incorporais, mas subsistem nos sensíveis, junto com os sensíveis. São inteligidos, porém fora dos corpos, como por subsistência própria e não tendo em outros o seu ser (JUNIOR L., 2001, p. 37-38).

De forma bem clara e sucinta, para compreender a tese deste primeiro autor, temos que compreender claramente o que ele afirma com a expressão ‘ontognosiológica’. Sua concepção seria uma junção da ontologia com a epistemologia, ou seja, ele diz que cada realidade universal só existe de forma epistemológica na medida em que existem realidades ontológicas pertencentes a tal categoria.

## 2 Problema dos universais para Pedro Abelardo

---

Teodorico. As acusações contra Boécio tem como plano de fundo a profunda rivalidade política e religiosa existente entre Justino I, um cristão ortodoxo imperador bizantino e Teodorico, que defendia as teses do arianismo. Em 523 foi preso em Pávia, onde foi destituído de todas as suas honras, e onde recebia torturas constantemente. No fim do ano de 524 foi executado sem chegar a ser julgado.

<sup>2</sup> A tradução ocorreu por volta do ano de 510, sendo a obra original em grego *εἰσαγωγή* (*eisagogé*). A tradução feita por Boécio foi para o latim, sendo o título recebido *Introductio in Praedicamenta*.

O segundo autor apresentado é Pedro Abelardo (1079 – 1142)<sup>3</sup> que assim como Boécio, também tentou responder a essa problemática partindo das perguntas levantadas por Porfírio e para isso escreveu uma obra intitulada *Lógica para Principiantes*. A sua teoria se divide em duas seções, a primeira intitulada *Pars Destruens* (A Crítica) e a segunda *Pars Construens* (A Solução).

Dois grandes influenciadores no pensamento de Abelardo foram Roscelino de Compiègne (1050 - 1120) e Guilherme de Champeaux (1070 – 1121). O primeiro é conhecido por ser um nominalista, e afirma que os universais não passam de simples palavras ou emissões vocais. Já o segundo, por ter uma visão realista, afirma que os universais são ‘essências materiais comuns’ que constituíram tanto os indivíduos quanto as espécies. (JÚNIOR F., 2003, p. 75-76).

Abelardo foi aluno tanto do nominalista Roscelino, quanto do realista Guilherme. Neste sentido ele foi um mediador entre estas duas correntes e assim desenvolveu seu pensamento conhecido por realismo moderado.

Em sua obra, Abelardo consiste em provar a impossibilidade da definição de universal<sup>4</sup> de modo ontológico, ou seja, nesta visão não existe coisas concretas universais. Para defender sua tese, todas as teorias que defendiam que os universais existia de modo ontológico Abelardo criticou, sendo o primeiro argumento a ser criticado o do seu antigo mestre Guilherme de Champeaux.

Assim como a teoria de Champeaux, o lógico criticou também outras teorias intituladas como teoria da indiferença, teoria da coleção e a doutrina da conveniência. Nestes casos, o filósofo contra argumentava a ideia da existência ontológica dos universais, mas os

---

<sup>3</sup> Pedro Abelardo (1079 – 1142) nasceu em Nantes na França e faleceu em Saint-Marcel, França. Foi um filósofo, teólogo e lógico francês, considerado uma das grandes figuras da filosofia escolástica e um dos maiores pensadores do século XII. Pertencente a uma família nobre, desistiu da carreira militar e dedicou-se aos estudos filosóficos. Foi aluno de Roscelino de Compiègne e de Guilherme de Champeaux, que muito influenciaram em seu pensamento. Foi um professor muito influente e amado pelos seus alunos, porém era odiado por professores de seu período também. No âmbito dos universais, fundou sua tese que era uma aproximação do realismo e do nominalismo, cuja ficou conhecida por realismo moderado. Enquanto professor em Notre Dame, conheceu a bela e culta Heloísa, sobrinha do cônego Fulbert. Eles se apaixonam e mantêm uma relação secreta durante os anos de 1117-1119. O escândalo ocorre quando descobrem que terão um filho. Abelardo sequestra Heloísa, enquanto Fulbert exige o casamento, que acaba acontecendo, mas em segredo, sem que Fulbert saiba. Sentindo-se enganado, o cônego suborna um criado e outros de seus empregados, a fim de realizar sua vingança. Em certa noite, todos invadem a casa de Abelardo, castram o jovem e fogem. Humilhado, Abelardo se retira, então, para a Abadia de Saint Denis, enquanto Heloísa se torna freira no Mosteiro de Argenteuil. Pedro Abelardo faleceu no Priorado de Saint-Marcel, próximo Chalons-sur-Saône, França, no dia 21 de abril de 1142.

<sup>4</sup> A diferença que há entre o realismo moderado para o nominalismo por este sentido, é que o nominalismo vê a realidade universal como apenas um nome, porém para o realista moderado elas são mais do que um som, ela possui uma existência como entidades abstratas, enquanto os particulares como entidades concretas.

---

apresentava como meros conceitos, de acordo com sua visão conceptualista (JUNIOR, L., 2001, p. 52-56).

Pedro Abelardo denota que a característica própria da palavra é a sua capacidade de significação, e para satisfazer tal capacidade, ela deve tanto conseguir gerar uma intelecção na mente quanto deve se referir a algo (JUNIOR L. 2001, p. 65). Justamente aqui se encontra o problema dos universais para Abelardo, pois segundo ele os universais por não referir-se a um único indivíduo, mas sim a uma espécie toda, ela não é capaz de gerar na mente uma intelecção clara e precisa (JUNIOR L. 2001, p. 67).

A teoria de Abelardo referente a esta temática tem um marco muito importante, pois ele tirou do centro a realidade ontológica dos universais e passou para uma realidade semântica.

Este trecho de Francisco Junior evidencia o pensamento do filósofo:

Com isso, a solução dada por Abelardo ao problema dos universais está na relação de predicação entre os universais e os particulares. Dessa forma, o realismo moderado afirma a existência dos universais como entidades abstratas, e as coisas particulares como entidades concretas, isto é: os universais existem, fundamentalmente, quanto a sua compreensão, quanto ao seu significado, na relação de predicação. Já nas realidades concretas, os particulares existem quanto ao Ser, ou seja, são realidades ontológicas. Assim percebe-se o giro que falamos anteriormente: Abelardo, ao apontar a solução para o problema dos universais, sai do campo da ontologia e passa ao campo da semântica, ao significado, a predicação (JÚNIOR, G., 2003, p. 79).

A solução dada por Abelardo sobre este tema, é de que os universais possuem a sua realidade mediante a capacidade de ser predicáveis por vários sujeitos. Justamente por não possuir uma intelecção precisa de um universal, mas por ter uma intelecção parcial desta ideia, formada pelo conjunto do todo é que se tem a sua existência. Em síntese, para Abelardo a realidade dos universais está na sua relação semântica de significação.

Entendendo melhor esta definição do filósofo Pedro Abelardo, ele entende os seres universais como entidades abstratas lógicas, que possui em si a capacidade de ser predicável à muitos sujeitos, como nos afirma Gilberto Júnior:

Em síntese, para Abelardo, os universais são estruturas lógico-lingüísticas – *Sermones* – responsáveis pela mediação da significação entre o mundo das idéias, dos pensamentos, das palavras, dos universais, e o mundo do ser, da realidade, das coisas, do particular. A realidade dos universais está na sua capacidade de ser predicável de muitos sujeitos, não sendo realidades ontológicas, mas apenas existentes na relação semântica de significação (2003, p. 79).

Com essa visão semântica de predicável, ele julgava ter respondido satisfatoriamente sobre esta problemática da existência ou não dos universais.

### 3 Problema dos universais para Guilherme de Ockham

O terceiro autor estudado, é Guilherme de Ockham (1280 – 1347)<sup>5</sup>. Para tentar responder essa problemática, ele escreveu duas obras lógicas: *Scriptum in Librum Primum Sententiarum* e *Summa Logicae*. Ao contrário dos anteriores, ele não se baseia tanto nas perguntas levantadas por Porfírio, mas sim questões próprias sobre o assunto. Toda a sua teoria está dividida em dois momentos, por primeiro ele tem a Parte Crítica, e depois a Parte Resolutiva. Vale ressaltar que um aspecto importante de sua filosofia é que Ockham não possui uma resposta definitiva, como nos assevera Leite Junior: “Um aspecto importante do tratamento de Ockham acerca da natureza do universal é que ele em nenhum momento assevera que uma determinada solução constitui-se como uma resposta definitiva para a problemática dos universais.” (2001, p. 147).

Para Ockham, toda a realidade é singular, e como o universal é constituídos de múltiplos, ele rejeita a existência destes. Para ele, essa existência só se dá como conceitos, palavras ou simples junções de sílabas que tentam caracterizar uma espécie, o que ele chama de Nominalismo (JUNIOR L. 2001, p. 138-139). Neste sentido, por exemplo: ‘homem’ é só um conceito que tenta definir uma determinada espécie, ou até é apenas uma junção das Sílabas ‘ho-mem’.

Deste modo, Ockham sustenta contra os seus adversários a tese de que os universais não existem fora da alma, mostrando que a atribuição de qualquer grau de realidade a eles leva a contradições e dificuldades incontornáveis. Restaria assim, um único modo de manter a distinção entre o universal e o singular: o reconhecimento de que o universal só existe como um ente da razão (*ens rationis*) ou um signo mental particular, do qual se diz que é universal apenas pelo fato de que pode significar muitos seres singulares (CERQUEIRA, 2003, p. 452).

---

<sup>5</sup> Guilherme de Ockham (1280 – 1347) nasceu em Ockham na Inglaterra e faleceu em Munique. Foi um frade franciscano, filósofo, lógico e teólogo escolástico inglês, considerado como o representante mais eminente da escola nominalista, principal corrente oriunda do pensamento de Roscelino de Compiègne. Ockham entrou para a Ordem Franciscana ainda muito jovem e foi educado em Londres, passando, mais tarde, para Oxford. Não completou seus estudos em Oxford, mas foi durante esse período e nos anos seguintes que escreveu a maioria de suas obras filosóficas e teológicas. Em sua filosofia, Ockham percebeu uma controvérsia entre o papado e sua ordem franciscana, por isso ele fugiu de sua ordem e passou a viver com um grupo de dissidentes franciscanos, onde escrevia separando fé e razão. Ockham foi excomungado, porém suas obras não foram oficialmente condenadas. No âmbito dos universais, afirma que eles são apenas nomes, constituindo a corrente chamada nominalismo. No ano de 1347 Ockham adoeceu vítima da peste negra, o que o levou a morte no mesmo ano.

Para afirmar que os universais não existem ontologicamente, ele alega que ao afirmar que estes conceitos tentam definir uma junção de particulares, acredita que isso não é possível, uma vez mais que os nomes não caracterizam seus indivíduos (SANTOS, 2004, p. 112). Neste sentido, o nome cadeira não é capaz de definir o que é uma cadeira, mas apenas se torna uma junção de sílabas (ca-dei-ra).

Nesta perspectiva, Guilherme de Okcham critica também as situações em que uma única palavra remete a mais de uma única coisa, por exemplo, 'Rosa' pode ser tanto um nome de pessoa, uma flor ou uma cor. Desta forma ele acredita ter concretizado que os universais não definem nada, apenas são junções de sílabas.

Para compreender melhor a filosofia do nominalista, Leite Junior afirma:

Para Ockham, de acordo com o princípio da singularidade do real, toda a realidade extramental é imediata e essencialmente singular (individual). Fica excluída, nesse sentido, toda e qualquer possibilidade de existência do universal *extra animam*. Rejeitada a possibilidade do Universal fora da alma, Ockham vai localizá-lo *in anima*. Fixar o universal na alma é determiná-lo como um ser de razão ou, mais precisamente como um conceito. Assim, o universal é, em princípio, um *conceptus* (2001, p. 139).

Baseado nisso, Ockham responde que o universal está presente *in anima* justamente como uma realidade meramente conceitual, ou seja, ela não admite a existência de nenhum ser universal, apenas afirma que são realidades vocais (*res vocalis*).

## Conclusão

Ao chegarmos ao fim deste artigo concluímos que o problema da existência ou não dos universais iniciou com o Porfírio e segue sendo discutido até os dias atuais, sem possuir uma definição. No medievo esta problemática teve a sua áurea, onde foi discutida por muitos filósofos e entre eles destacaram Boécio, Abelardo e Ockham que apresentaram suas teses referente a este tema. Porém estas foram questionadas por filósofos modernos.

Boécio possui uma visão ontognosiológica, cuja necessita da realidade ontológica para explicar a realidade epistemológica. Pedro Abelardo conhecido por realista moderado, afirma que os universais existem de forma semântica, onde são realidades predicáveis de muitos conceitos. Seu pensamento faz uma junção das correntes nominalismo e realismo. Guilherme de Ockham afirma que toda realidade é singular, portanto não existe coisas universais. Para ele os universais são convenções sonoras, ou apenas sons ou junções de sílabas, deste modo os universais não passam de um mero nome, por isso é conhecido por nominalista.

Por fim, concluímos que a discussão sobre os universais é preferencialmente de ordem ontológica, porém, muitos filósofos ramificou estas discussões para outras áreas. Esta realidade é o que nos evidencia o quão complexo esta temática é. Neste sentido se tem a importância do estudo de tal conteúdo.

### Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CERQUEIRA, Hugo Eduardo Araujo da Gama. Ockham e o problema dos universais: um comentário ao argumento da *Summa Logicae*. **Veritas**. Porto Alegre: PUCRS, v. 48, n.3, p. 441-452 Set. 2003.

JÚNIOR, Gerson Francisco de Arruda. A resposta de Pedro Abelardo ao problema dos universais. **Ágora Filosófica**, Recife: FASA Gráfica, v. 3, n. 1-2, p. 69-82, jan-dez 2003.

JUNIOR, Pedro Leite. **O Problema dos Universais: A Perspectiva de Boécio, Abelardo e Okcham**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

PORFÍRIO. **“ISAGOGE”**: Introdução às categorias de Aristóteles. Traduzido por Mário Ferreira dos Santos. São Paulo: Editora Matese, 1965.

SANTOS, Bento Silva. Lógica e gnosiologia em Guilherme de Okcham: Antologia de textos traduzidos e comentados. **Ágora Filosófica**, Recife: FASA Gráfica, v. 4, n.2, p. 97-140 Jul.-Dez 2004.

SILVA, Claubervan Lincow; CRUZ, Marcilio Bezerra. **Severino Boécio e o problemas dos universais**. Disponível em: <<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/pet/article/view/3523>> Acesso em: 07 de mai. 2018.

SILVA, Nilo César Batista da. **O Problema dos Universais na Idade Média**. Disponível em: <[http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/16493315082016Historia\\_da\\_Filosofia\\_Medieval\\_I\\_Aula\\_10.pdf](http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/16493315082016Historia_da_Filosofia_Medieval_I_Aula_10.pdf)> Acesso em: 07 de mai. 2018.